

# Lírica em tempos de desumanização: uma leitura de Drummond

Maria Isabel Londero\*  
Universidade Federal de Santa Maria

---

---

## Resumo:

Este estudo procura demonstrar que a literatura empenhada feita por Carlos Drummond de Andrade é um instrumento de humanização do leitor. Tomamos como exemplos fragmentos dos poemas *Nosso tempo* e *Morte do leiteiro*, para examinar a presença de imagens referentes ao contexto histórico brasileiro. Busca-se descrever os recursos empregados nos poemas, destacando a tomada de consciência sobre a opressão social proposta pelos textos ao leitor.

---

---

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*.

(Antonio Candido)

A literatura desempenha um papel fundamental na construção e, até mesmo, na reestruturação das sociedades, atuando como uma necessidade universal, visto que é fator relevante de humanização. Adota-se aqui o conceito de *humanização* no sentido do que expõe Antonio Candido em um estudo no qual ele se propõe a estabelecer uma relação entre literatura e direitos humanos:

“Entendo aqui por *humanização* (...) o processo que confirma no homem aqueles aspectos que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (Candido 1995:249)

Os critérios para a valorização literária atualmente vêm sendo muito discutidos por inúmeros críticos literários. Neste estudo, dar-se-á uma ênfase às reflexões de Antonio Candido, partindo da leitura de seu artigo intitulado *O direito à literatura*, para demonstrar como a arte literária afirma-se como um poderoso instrumento de humanização do leitor na medida em que possibilita “penetrar nos problemas da vida”

---

\* Aluno do 6º semestre do curso de Letras (UFSM), bolsista CNPq, participante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg.

e que conduz a (re)pensar os direitos humanos.

A literatura pode ainda estar diretamente associada à vida social, uma vez que propõe uma visão da sociedade em seus aspectos conflitantes, representando ora “Os valores que a sociedade preconiza”, ora os que “considera prejudiciais” (Candido 1995: 243) e estabelecendo uma (re)construção da realidade. Neste sentido, Candido expressa o caráter ambivalente da literatura ao afirmar que

“A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.” (Candido 1995: 243)

Diante dessa afirmação, cabe ressaltar que, para Candido (1995), a literatura proporciona humanizar a sociedade por possibilitar reviver situações, tornando possível uma maior compreensão do homem, da estruturas sociais e do mundo. Essa contribuição se deve principalmente à maneira como essa literatura é construída. Segundo Antonio Candido (1995), cabe aos autores, nas diferentes épocas, a escolha da melhor maneira de organizar as emoções e a visão de mundo que desejam transmitir para seus leitores.

Vários escritores atuaram de maneira decisiva na constituição de uma literatura consciente da realidade, que visava não só ao prazer da leitura enquanto forma de lazer, mas principalmente ao comprometimento com questões sociais, com a denúncia de conflitos individuais e coletivos que angustiavam e impediam o povo de resistir contra uma sociedade hierarquizada, opressora e violenta.

A produção literária de Carlos Drummond de Andrade é um exemplo de *literatura empenhada*. Essa afirmação se faz com base no que expõe Antonio Candido acerca da conceituação de literatura empenhada:

“Falemos portanto alguma coisa a respeito das produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica.” (Candido 1995: 250)

As obras de Drummond não se propõem somente a fazer crítica social, mas também a demonstrar a posição do poeta em face dos conflitos e dos sentimentos que assolam a sociedade. A sua capacidade de penetrar nos problemas sociais e históricos torna-se ainda mais aguçada pelo fato de algumas de suas obras representarem situações extremas de violência e repressão.

Um conjunto de acontecimentos históricos, como a experiência da Segunda Guerra Mundial e a implantação do Estado Novo no contexto brasileiro- só para citar

dois exemplos- denunciam que a organização da sociedade é resultado de uma série de ações destrutivas, que englobam guerras, massacres, torturas, mutilações, ameaças políticas e todo tipo de barbárie que se possa imaginar. Diante deste contexto, Drummond utiliza a poesia para representar e expressar a complexidade desses fatores na constituição do homem.

A partir da análise do poema *Nosso Tempo*, de Drummond, publicado na obra *A Rosa do Povo* (1945), é possível perceber em que medida a angústia e até mesmo a revolta de um sujeito que sofreu o impacto da violência de um processo histórico marcado por catástrofes e ruínas se projeta no seu modo de representação. O poema é escrito de forma fragmentada, não possui métrica e esquema de rimas regular e apresenta uma série de imagens referentes à guerra e a destruição. O sujeito expressa-se de maneira ambígua, ora em primeira pessoa do plural “em vão percorremos volumes/ viajamos e nos colorimos” ora em primeira pessoa do singular “Meu nome é tumulto,”. Essa oscilação na construção do sujeito é uma estratégia utilizada por Drummond para representar um sentimento coletivo. A perplexidade diante dos acontecimentos se manifesta, embora em graus diferentes, em um grande número de pessoas.

Na perspectiva de Walter Benjamin, a história é um acúmulo de ruínas: “O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.” (Benjamin 1984:226) Ele não acredita em conceitos positivistas para tratar os fenômenos históricos, uma vez que estes, em vez de dirigirem-se rumo a um progresso sociocultural, constituem-se de uma seqüência de destruição da experiência humana. Neste sentido, o poema de Drummond se associa à tese de Benjamin na medida em que ambos propõem uma visão da história como uma degradação da condição humana.

Nota-se que Drummond constrói um poema fragmentado porque não vê unidade na realidade que observa, mas sim uma cadeia de desestruturação e desumanização, garantindo assim uma harmonia entre a forma de escrita que adota e a visão de mundo que apresenta. A caracterização do “tempo” é um exemplo da visão do poeta face às ruínas a às desintegrações do processo histórico. Em muitos versos do poema, o tempo é associado à imagens de destruição, de perda e de dor. Os versos a seguir ilustram esta afirmativa:

- 1 .Este é tempo de partido,
- 2 .tempo de homens partidos.
  
- 3 .em vão percorremos volumes,
- 4 .viajamos e nos colorimos.
- 5 .A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
- 6 .Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
- 7 .As leis não bastam. O lírios não nascem
- 8 . da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
- 9 . na pedra.

- 26..Este é tempo de divisas,  
 27 .tempo de gente cortada.  
 28 .De mãos viajando sem braços,  
 29 .obscenos gestos avulsos.
- 48 .E continuamos. É tempo de muletas.  
 49 .Tempo de mortos faladores.  
 50 .e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado.
- 74 .É tempo de meio silêncio,  
 75 .de boca gelada e murmúrio,  
 76 .palavra indireta, aviso  
 77 .na esquina. Tempo de cinco sentidos  
 78 .num só. O espião janta conosco.

(extraído de A Nova Reunião, p. 120-126)

Drummond utiliza vocábulos com carga semântica negativa para representar as imagens de caos e destruição. A escolha de expressões como “gente cortada”, “mãos viajando sem braços”, “tempo de mortos faladores”, “velhas paralíticas” não se dá de maneira aleatória. É, sim, um artifício utilizado pelo poeta para conferir um impacto maior sobre o leitor. A construção da poesia não representa apenas um ato poético, mas tem uma finalidade em si mesma, o desmascaramento da realidade, o incentivo à reflexão.

Observa-se ainda, a fragmentação da linguagem utilizada neste poema. As imagens são sobrepostas sem uma seqüência lógica de pensamento (v.6,7,8,9) o que vem evidenciar a representação de um sujeito-lírico descentralizado, perplexo, e, até mesmo, angustiado pela consciência da decadência propiciada pelo momento histórico assinalado por guerras. O poeta não pode expressar com linearidade uma situação tão complexa. O que ocorre então é uma articulação entre forma e conteúdo visto que o poeta adota uma forma complexa para falar de temas também complexos.

Outro poema de Drummond, intitulado *Morte do leiteiro*, também extraído de *A Rosa do Povo*, assume uma perspectiva inversa com relação ao poema analisado anteriormente. Neste poema é perceptível uma maior aproximação da estrutura poética à prosaica, com o uso de uma construção lingüística mais acessível ao leitor. O poema apresenta uma linearidade discursiva que permite o reconhecimento de uma temática única (o assassinato de um moço que era leiteiro). Outro aspecto que torna o poema semelhante à uma narrativa é a possibilidade de se reconhecer uma construção que apresenta um narrador, personagens e é situada no tempo e no espaço. Os versos a seguir estão distribuídos de modo a ilustrar esta afirmação:

07. Então o moço que é leiteiro  
 08. de madrugada com sua lata  
 09. sai correndo e distribuindo  
 10. leite bom para gente ruim.  
 11. Sua lata, suas garrafas

12. e seus sapatos de borracha
13. vão dizendo aos homens no sono
14. que alguém acordou cedinho
15. e veio do último subúrbio
16. trazer o leite mais frio
17. e mais alvo da melhor vaca
18. para todos criarem força
19. na luta brava da cidade.

- .....
41. Meu leiteiro tão sutil
  42. de passo maneiro e leve,
  43. antes desliza que marcha.
  44. É certo que algum rumor
  45. sempre se faz: passo errado,
  46. vaso de flor no caminho,
  47. cão latindo por princípio,
  48. ou um gato quizilento.
  49. E há sempre um senhor que acorda,
  50. resmungando e torna a dormir.

51. Mas este acordou em pânico
52. ( ladrões infestam o bairro),
53. não quis saber de mais nada.
54. O revólver da gaveta
55. saltou para sua mão.

56. Ladrão? Se pega com tiro.
57. Os tiros da madrugada
58. liquidaram meu leiteiro.
59. Se era noivo, se era virgem
60. se era alegre, se era bom,
61. não sei,
62. é tarde para saber.

- .....
78. Da garrafa estilhaçada,
  79. no ladrilho já sereno
  80. escorre uma coisa espessa
  81. que é leite, sangue... não sei.
  82. Por entre objetos confusos,
  83. mal redimidos da noite,
  84. duas cores se procuram,
  85. suavemente se tocam,
  86. amorosamente se tocam,
  87. formando um terceiro tom
  88. a que chamamos aurora.

(Extraído de *A Nova Reunião*, p. 165-167)

Esta nova estratégia utilizada por Drummond, ou seja, aproximar a poesia da prosa, objetiva principalmente atingir mais diretamente o receptor da mensagem através da apresentação de uma forma de maior compreensão ao leitor. O poeta, utilizando-se deste artifício, objetivou tornar o leitor mais consciente das contradições e dificuldades da sociedade. Além do mais, esta tentativa de comunicação justifica-se pela “necessidade de participação do artista no formidável período histórico em que lhe é dado viver” (Simon 1978: 88). Lumna Simon escreve que a introdução da poesia participante de Drummond

Determina alterações no sistema de valores estéticos de uma época ou no interior da obra de um poeta, uma vez que a prática artística passa a ser impulsionada pela necessidade de comunicação. Ou seja, os procedimentos poéticos são colocados a serviço dessa necessidade, de tal forma que a própria estrutura da mensagem se transforma ao incorporar novos elementos. (Simon 1978: 87)

Em consonância com a afirmação de Lumna Simon, nota-se que Drummond elabora diferentes procedimentos poéticos com o intuito de expressar sua concepção da realidade buscando uma interação com o leitor. De modo a facilitar a compreensão do mesmo, nota-se que o poema apresenta, não somente um arranjo especial de sua estrutura, mas também na maneira com que suas orações estão constituídas e dispostas. O texto, predominantemente escrito em terceira pessoa, centrado no referente, contribui para a transmissão de dados de uma forma direta, característica própria da função referencial da linguagem, adotada neste caso por Drummond.

Carlos Drummond de Andrade em suas obras procura expressar a dor humana em suas diferentes proporções, tanto ao tratar das conseqüências de uma guerra, como no poema *Nosso Tempo*, quanto ao relatar uma experiência individual, a morte de um moço, no poema *Morte do leiteiro*. Afrânio Coutinho observa a representação do mundo em Drummond e reforça a idéia de poesia empenhada ao justificar a atitude do poeta mineiro em aderir a tal peculiaridade:

Sua luta com as palavras seria uma luta pela expressão, mas que fosse a expressão testemunha da dor do mundo. O mundo moderno, com seu mecanismo, seu materialismo, sua falta de humanidade, seu desprezo pelo homem, é a *bête noire* do poeta. Atacou-o de frente, nos seus mitos e valores. Reagiu contra ele, mediante um “sentimento do mundo” que protesta ante a miséria a que é o homem levado pela circunstância de haver ele sido construído à revelia de sua essência humana. (apud Brayner 1977: 10)

A reflexão sobre a poesia drummondiana permite verificar que cabe ao próprio escritor utilizar os artifícios oferecidos pela linguagem, da maneira que melhor

Ihe convenha. O importante, no caso de Drummond, é a sua tentativa de alcançar a humanização do leitor e esta só se torna possível na medida em que se possibilita ao leitor reviver as experiências de degradação do ser humano através de um processo de conscientização. Sendo assim, o leitor desempenha um papel fundamental nesse processo de (re)leitura do mundo. Cabe a ele assumir um posicionamento ativo diante dos textos, procurando preencher as lacunas, associar as imagens, decodificar a linguagem para, assim, atribuir sentido aquilo que lê.

#### *RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

- ANDRADE, Carlos Drummond de. (1987). A Rosa do Povo. In:\_\_\_\_\_.*A Nova Reunião*. Rio de Janeiro, José Olympio, pp. 120-126, 165-167.
- BENJAMIN, Walter. (1984). Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura/ Walter Benjamin*. São Paulo, Brasiliense, pp.226
- BRAYNER, Sônia. (1977). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL.
- CANDIDO, Antonio. (1995). O direito à literatura. In:\_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo, Duas Cidades, pp. 243, 249,250.

